

# “FAZ ESCURO, MAS NÓS CANTAMOS”: SERVIÇO SOCIAL E EDUCAÇÃO POPULAR

---

## CAMILA MESQUITA SOARES

<sup>1</sup>Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade pela UERN em parceria com a Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM). Graduada em Serviço Social pela UERN.

## RESUMO

Este artigo tem como finalidade contribuir com o debate acerca das experiências de *trabalho com o povo*. Nosso objetivo é analisar as contribuições da Educação Popular para o exercício profissional de assistentes sociais. Este trabalho narra a aplicabilidade, as fragilidades e a potencialidade da Educação Popular como dispositivo para a comunicação, para o diálogo e para o “fazer com” a população atendida pelas políticas sociais. Por isso, consideramos que tem o potencial de contribuir com elementos para pensarmos as atuações das diversas categorias profissionais no trabalho com usuários das políticas sociais. Suscitando uma reflexão bastante atual sobre a relação entre o processo de formação de profissionais e o processo de trabalho, primeiramente situamos o paradigma teórico-conceitual da Educação Popular e, em seguida, abordamos os possíveis diálogos entre Educação Popular e Serviço Social. A Educação Popular pode contribuir com o exercício profissional de assistentes sociais, assim como de outros profissionais, nos âmbitos da mobilização e organização popular, dimensões indispensáveis para se conquistar direitos e, por conseguinte, políticas sociais. Também contribui com o trabalho de cunho socioeducativo, como educação em saúde e educação em direitos e de socialização das informações, pois fortalece o compromisso com os interesses e demandas da população usuária das políticas sociais, com a utilização de linguagem e metodologias mais acessíveis, dialógicas e horizontais.

**Palavras-chave:** Educação Popular, Serviço Social, Multiprofissionalidade, Metodologias ativas, Organização Popular.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado e síntese do processo de pesquisa da Monografia intitulada “*Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas*”: *Serviço Social e Educação Popular*<sup>1</sup>.

O ponto de partida para passarmos a refletir sobre a necessidade de metodologias de trabalho mais populares ocorreu em uma ação do Programa Saúde na Escola (PSE), no ano de 2013<sup>2</sup>. Tratava-se de uma oficina sobre direitos das crianças. Com ótimas intenções, elaborei um *slide* com figuras e busquei “passar” todo o conhecimento sobre a legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para os estudantes presentes no momento. Avaliamos que o rendimento, a participação e o aproveitamento do espaço não foram como esperados.

Além disso, avaliamos também que a perspectiva utilizada na atividade esteve de acordo com a forma tradicional da educação formal, reforçando o sentido genuíno da palavra aluno. *A-luno*, ou seja, aquele sem luz que, pelo conhecimento do professor ou da professora, quando depositado, passará a ter luz/conhecimento.

Dessa forma, foi no dia a dia de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e em suas perspectivas de território, de prevenção às doenças e outros agravos, proteção e promoção à saúde que se deu a reflexão<sup>3</sup> sobre a necessidade de buscarmos alternativas mais dialógicas e próximas às realidades das comunidades. Este artigo, portanto, tem como finalidade contribuir com o debate acerca das experiências de *trabalho com o povo*. Nosso objetivo, neste momento, analisar as contribuições da Educação Popular para o exercício profissional de assistentes sociais.

- 1 Monografia materializada ao final do ano de 2017, como conclusão do curso de Bacharelado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na cidade de Mossoró/RN.
- 2 Ação a qual, no segundo período da graduação e na ocasião de bolsista do PET-Saúde (Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde), fiquei responsável por facilitar.
- 3 Essa reflexão não se deu de forma espontânea: além das realidades desafiadoras, tivemos como referência algumas profissionais da área. Especificamente uma Enfermeira da Saúde da Família e uma Assistente Social do Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Importante ressaltar que, com a Portaria n 2.436, de 21 de setembro de 2017 (Nova PNAB), este núcleo passa a ser denominado de Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB).

Deste objetivo geral, desdobram-se três objetivos específicos: 1) compreender como se deu a aproximação dos assistentes sociais com a Educação Popular; 2) identificar princípios e instrumentais utilizados pelos assistentes sociais no trabalho com Educação Popular; 3) compreender para quais atividades do exercício profissional do Serviço Social a Educação Popular contribui.

No entanto, ainda que se trate de uma pesquisa acerca do Serviço Social, consideramos que a mesma pode contribuir com elementos para pensarmos as atuações das diversas categorias profissionais no *trabalho com o povo*. Assim sendo, este artigo, tomando como sujeitos de pesquisa profissionais de Serviço Social, narra a aplicabilidade, as fragilidades e a potencialidade da Educação Popular como dispositivo para a comunicação, para o diálogo e para o “fazer com” a população atendida pelas políticas sociais.

Suscitando uma reflexão bastante atual sobre a relação entre o processo de formação de profissionais e o processo de trabalho, este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente situaremos o paradigma teórico-conceitual da Educação Popular e, em seguida, abordaremos os possíveis diálogos entre Educação Popular e Serviço Social.

## 2. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com objetivo de situar e sistematizar teoricamente as categorias: Educação<sup>4</sup>; Educação Popular e Serviço Social. A pesquisa de campo foi efetivada com quatro assistentes sociais que trabalham ou trabalharam com Educação Popular, de 2013 a 2017, no município de Mossoró/RN, nas seguintes áreas: a) Atenção Primária à Saúde (APS); b) Empresa sem fins lucrativos, com atuação no âmbito da assistência; c) Programa de Extensão Universitária de assessoria na área de Direitos Humanos.

A ideia inicial era limitar o *lôcus* de pesquisa a uma única política social, entrevistando assistentes sociais que nela atuam. No entanto, por não se tratar de um grande quantitativo de assistentes sociais que realizam essa atuação na cidade de Mossoró, uma estratégia foi ampliar essa forma de

4 Por questão de limite de espaço para explanação do conteúdo, não abordaremos neste artigo, de forma específica e aprofundada, a categoria da Educação. Para mais informações, ler a monografia “*Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas*”: Serviço Social e Educação Popular (SOARES, 2017).

delimitação dos sujeitos para as diversas políticas e para um período de exercício profissional que contemple a atuação nos últimos cinco anos.

A estratégia utilizada para a localização destes profissionais foi a construção de uma *rede de contatos*, com auxílio de assistentes sociais que atuam com educação ou educação popular e profissionais que integravam a gestão do Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) no ano de 2017. Por intermédio desses sujeitos, fomos identificando e contatando outros assistentes sociais que atuam ou atuaram nessa área temática, durante o período delimitado na pesquisa.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, considerando que estas nos possibilitaram perceber maiores detalhes sobre o cotidiano do trabalho com Educação Popular, assim como pudemos questionar sobre exemplos dessas metodologias, princípios e atividades realizadas com esse aporte.

Para certificar o sigilo e a confidencialidade dos nomes dos entrevistados, garantimos uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada envolvido na entrevista. Além disso, os nomes dos sujeitos da pesquisa foram substituídos por nomes de lutadores do povo. Estes são, na maioria das vezes, invisibilizados pela grande mídia, mas têm uma história de compromisso com a luta popular. Apresentamos um pouco da história de cada lutador do povo mencionados neste trabalho no Apêndice.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Metodologias e princípios alternativos para desvelar a realidade: o que é Educação Popular?

Para demarcarmos teórico-conceitualmente o paradigma da Educação Popular nos cabe, inicialmente, realizarmos uma diferenciação. No Brasil, o termo “educação popular” foi utilizado com variados sentidos, inclusive de educação para o povo, de cima para baixo, com perspectiva de “puro treinamento” e até como “uma educação de menor qualidade”.

Assim, na vasta literatura brasileira das diversas áreas e nos discursos de diversos profissionais, o termo “educação popular” pode aparecer contendo diversos significados e, sem necessariamente, pretender-se ser “educação com o povo”. Dessa forma, quando utilizarmos o termo Educação Popular (sem aspas e com iniciais maiúsculas), estaremos nos referindo ao paradigma de metodologias alternativas e de compromisso ético-político

com as classes e segmentos populares. É esta Educação Popular a qual pretendemos abordar.

Wanderley (2010, p.8) afirma que as ações pedagógicas que transitam pelo campo da Educação Popular possuem uma “riqueza de visões e práticas que essa educação gerou em distintos tempos e espaços”. Para compreender essa riqueza de sentidos, símbolos e metodologias, consideramos imperativo o resgate do “passado” da Educação Popular, das suas raízes no Brasil. Gohn (2013) nos informa que:

O paradigma predominante da EP brasileira nos anos 70/80 do século passado foi um conjunto de ideias políticas, filosóficas e pedagógicas que nasceram com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular no final dos anos 1950 e início de 1960 e que cresceram no interior da resistência popular dos anos 1970 e 1980 (p.33).

A autora supracitada refere-se aos vários movimentos que ocorreram na busca pela redemocratização do Brasil como processos de “resistência popular” dos anos 1970/1980. Outros exemplos de sujeitos e/ou organizações que atuavam na articulação entre os eixos temáticos da *cultura popular* (WANDERLEY, 2010), da Educação Popular e da Política (com “P” maiúsculo)<sup>5</sup>, são o Centro de Cultura Popular (vinculado à União Nacional dos Estudantes - UNE) e a campanha para alfabetização “De pé no chão também se aprende a ler” (Rio Grande do Norte).

O Centro Ecumênico de Documentação e Informação, na Revista Tempo e Presença, n.272, do ano de 1993, *apud* Gohn (2013), elenca alguns pontos deste paradigma:

A valorização da cultura popular, a centralidade atribuída ao diálogo, à ética e à democracia no processo de construção de relações sociais mais justas; a necessidade de ter como referência constante, ao longo de qualquer processo pedagógico ou de mudança social, a realidade da vida dos educandos e a forma como eles encaram esta realidade - a relação entre conhecimentos e politização, entre educação e movimentos sociais; o estímulo à participação dos educandos em todas as fases do processo educativo; a atenção ao pequeno, ao miúdo, ao cotidiano; a tentativa de fazer com que o ensino

5 Conforme Wanderley (2010), “uma distinção instigante de certos setores se traduzia no entendimento da política, *com p minúsculo* (aquela viciada e manipuladora), e da política *com P maiúsculo* (aquela democrática, ativa e capaz de conduzir as transformações de fundo)” (p. 10, grifos do autor).

seja também pesquisa, uma investigação curiosa sobre a realidade (GOHN, 2013, p. 33-34).

Wanderley (2010, p. 19) destaca que “uma constatação notória e incorporada com enorme aceitação” é a de que o pensamento de Paulo Freire foi bastante disseminado e que cada grupo ou entidade que o incorporou, prioriza um ponto ou outro, de acordo com as características e enfoque do grupo.

Para Gohn (2013, p. 34), Freire “é a síntese deste paradigma”, descrito nos pontos citados pelo CEDI (1993, *apud*, GOHN, 2013, p. 34). Por concordarmos com a importância do pensamento freiriano para educação, iniciamos nossa reflexão sobre as bases teórico-metodológicas da educação popular partindo das contribuições de Freire (2001, 2011, 2015) e Nogueira e Freire (2011).

### 3.1.1. Enxergar as letras e a realidade: Paulo Freire, um educador do povo<sup>6</sup>

Paulo Freire foi um educador nordestino, natural do Recife. Hoje, pelo seu reconhecimento na América Latina e no mundo, há quem diga que se trata de um “autor e educador mundial”.

Conforme José Eustáquio Romão<sup>7</sup>, Paulo “inverteu a ordem das coisas”, este “foi” um educador nordestino, latino-americano, mundial e “voltou a ser” brasileiro. Isso se deu pelo seu exílio na época da ditadura militar e, quando pôde, anistiado, voltar ao Brasil, passou a “reaprendê-lo”, buscando a aproximação com realidade daquelas pessoas com as quais passou a trabalhar.

De acordo com Barreto (2004), sua primeira experiência profissional com *educação do povo* se deu no Serviço Social da Indústria (SESI). Seus públicos eram professores, estudantes (crianças) e familiares. Foi a partir dessa vivência que percebeu a necessidade da linguagem acessível, do vocabulário que vem da calçada, do campo, das novelas, da padaria... Que

6 Assim está escrito em um dos cadernos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nomeado de “*Paulo Freire: um educador do povo*”, como recado aos outros e às outras militantes do Movimento: “Conhecer, dialogar e conviver com o legado de Paulo Freire nos ajuda a refletir sobre nossa prática, e a crescer em nossa identidade de Sem Terra, de classe trabalhadora, de povo brasileiro” (MST, S/D, p. 11).

7 Informação oral exposta no documentário “Pensando com Paulo Freire”, produzido pela Escola Nacional Florestan Fernandes. José Eustáquio Romão é Diretor fundador do Instituto Paulo Freire. O documentário está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-4rx67XVe5w>>.

sejam palavras e situações vividas ou próximas das vidas daquelas pessoas para quem ou com quem se falava.

Conforme Barreto (2004, p. 26) foi no SESI que Paulo Freire “aprendeu o quanto é diferente falar ‘para alguém’ e falar ‘com alguém’”. Explicita essa reflexão com o relato de uma situação vivenciada pelo próprio Freire:

Como buscava uma efetiva integração entre professores e pais das escolas mantidas pelo SESI, ele criou o Círculo de Pais e Mestres. Realizavam-se encontros periódicos durante os quais era tratado um tema educativo de suposto interesse do grupo. A equipe do SESI escolhia o assunto e se preparava para apresentá-lo no Círculo. Era patente o predomínio do grupo de especialistas sobre os pais, [...]. Enquanto os professores falavam, os pais permaneciam mudos. Uma noite, depois de uma longa exposição, Paulo descreveu o desenvolvimento do julgamento moral na criança. Um pai, criando coragem, ensaiou um comentário: “O doutor fala muito bonito, a gente até gosta de ficar ouvindo. Só que a gente tem outros problemas, com os meninos, lá em casa. A gente vem aqui e num ‘vê chegá’ a hora de tratar dos problemas que a gente tem (BARRETO, 2004, p. 26).

De que adiantaria “falar bonito”? De que adiantaria a linguagem técnica, se o intuito de “falar com alguém” é haver comunicação e só há comunicação se houver entendimento?! Na verdade, Paulo Freire amplia essa reflexão, como mencionaremos adiante, colocando como necessário mais do que “o outro entender o que você fala”, pois não se trata apenas de “dizer sua palavra” e sim de “falar com”, de diálogo, assim, todo homem e mulher tem o direito de “dizer sua palavra” (FREIRE, 2011).

Outras experiências profissionais se deram pelo Serviço de Extensão Cultural da, à época, Universidade do Recife. Nas ocasiões desta Extensão e de sua atuação com alfabetização no interior do Nordeste, esse educador desenvolve seu método de Educação de Adultos, o qual partia de palavras retiradas do dia a dia e do vocabulário popular dos adultos que buscava alfabetizar. Experiência bastante conhecida foi a do trabalho de alfabetização na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte.

Além disso, Freire foi componente do Movimento de Cultura Popular, com sede no Recife, no Estado do Pernambuco. Este movimento visava uma educação que não fosse elitista, que não se limitasse à mercantilização (da vida e da educação). Era voltado às práticas pedagógicas mais próximas às



realidades do povo e valorização da cultura destes, assim como do saber popular.

Seu método e sua perspectiva de educação contrapõem-se ao que o referido autor conceitua de “**educação bancária**”, a qual se trata de um processo onde o professor transmite o conteúdo para “o aluno”, como se o segundo estivesse no local de ensino apenas para ter um conteúdo depositado em si (FREIRE; NOGUEIRA, 2011).

Em contraposição, a perspectiva de Freire tem como princípio a **horizontalização do saber**, entendendo a relação entre educador e educando como uma relação mútua de ensino-aprendizagem, que deve ser horizontal, prezar pelo **diálogo**. No documentário “Pensando com Paulo Freire”, uma educadora do MST explica como essa perspectiva influencia o entendimento da relação educador/educando pelo referido Movimento:

[...] O Movimento pega essa pedagogia de Paulo Freire, é... Abordando não mais alunos e professores. E aí ele aborda a questão dos educandos e educadores. É, alunos é uma pessoa que não tem luz, é como se o professor fosse pra lá e só fosse lá para poder passar e o aluno, sem luz, sem nada, é... Fosse lá só pra receber. E o educando e o educador não, faz essa troca de experiência, né?

Na concepção freiriana (FREIRE, 2001), a pessoa humana, independentemente do nível de escolaridade, é dotada de conhecimento, de consciência. Sendo assim, não há pessoa sem saber, não há pessoa sem conhecimento da realidade. Este autor afirma que essa consciência e esse saber se constroem no contato mais imediato com a realidade, ou seja, na imediatez do cotidiano. Por isso, trata-se de um saber ingênuo. A tarefa da “conscientização” é, portanto, fazer avançar do conhecimento ingênuo (em suas palavras, da “posição ingênuo”) para um conhecimento crítico, cada vez mais.

Não compete, no entanto, ao educador, “depositar consciência” no educando. Trata-se de uma construção conjunta que, por isso, deve seguir alguns movimentos, junto aos princípios anteriormente citados. Este educador entende como essencial a necessidade de não desvincular teoria e prática, mas sim realizar o movimento da **ação-reflexão-ação**. Uma frase bastante conhecida no trabalho de base feito por/com Movimentos Sociais é aquela que diz: “*nossas cabeças pensam onde nossos pés pisam*”. Significa que a reflexão sobre a realidade deve partir também da realidade.

## 3.2 Serviço Social e Educação Popular: quais as possibilidades de diálogo?

O Serviço Social brasileiro possui uma direção social expressa por um Projeto Ético Político Profissional que se compromete com as classes populares e preza por princípios como respeito à autonomia, liberdade, democratização das informações, socialização de riquezas, relação com a mobilização popular, dentre outros. Assim, é consoante à utilização de metodologias que dialoguem com a população usuária, reconhecendo-a como sujeitos do processo e não impondo verticalmente um saber<sup>8</sup>.

### 3.2.1 Formas de aproximação com a Educação Popular

Identificamos quatro formas de aproximação dos entrevistados com a Educação Popular:

- a. **Pelo estágio curricular obrigatório.**  
Quando passou a estagiar em um programa vinculado a uma ONG internacional e, nele, a atuar com um grupo de mulheres.
- b. **Instituição que já fazia uso da Educação Popular.**
- c. **Pela vivência em pastorais sociais, da Igreja Católica.**
- d. **Espaços de militância nos quais se inseriu quando estava na graduação.**  
Destacando o Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS).

8 Importante mencionarmos aqui que para estudarmos as possibilidades de diálogo entre Serviço Social e Educação Popular é de suma importância a reflexão acerca da dimensão ideopolítica do exercício profissional do Serviço Social. Além disso, por esta atuação estar relacionada às possibilidades do assistente social atuar no âmbito das consciências, é imprescindível considerar elementos como a natureza contraditória da profissão e a sua autonomia relativa, tendo em vista a sua condição assalariada. Tais assuntos não foram abordados neste artigo, por limitação de espaço. Mas são trabalhados na Monografia *“Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”*: Serviço Social e Educação Popular (SOARES, 2017).

Podemos perceber que as vivências que possibilitaram as formas de aproximação entre os profissionais entrevistados e a Educação Popular, apesar de variadas, tocam-se em, ao menos, dois pontos centrais:

1. Fazem parte do Universo extra-acadêmico (como pastorais sociais da Igreja Católica e a instituição de trabalho) ou se relacionam com atividades que são pensadas pela formação em Serviço Social como propulsoras de um perfil crítico e comprometido (a exemplo do MESS e do estágio). No entanto, a temática da Educação Popular não costuma estar presente nas discussões de sala de aula, nas disciplinas, nos seminários, como foi perceptível nas falas de todos os sujeitos entrevistados.
2. Reafirmam a assertiva de Machado (2012, p. 152), a qual diz que: mesmo que não se trate de uma temática consideravelmente abordada na academia e nos eventos científicos de Serviço Social, “[...] geralmente está presente no campo de atuação dos assistentes sociais que trabalham com comunidades, organização e mobilização popular, sobretudo em Organizações Não Governamentais – ONGs articuladas aos movimentos sociais, onde esse tipo de educação se refugiou desde o período da ditadura militar”.

### 3.2.2 Instrumentais e princípios em Educação Popular

Suas falas expressaram mais princípios do que metodologias. Princípios que embasam suas visões de mundo e seus posicionamentos no cotidiano profissional:

- Diálogo;
- Coletividade;
- A realidade como ponto de partida;
- Linguagem acessível;
- Valorização e respeito aos saberes dos usuários;
- Horizontalidade, das relações e dos saberes;
- Concepção ampla de educação: educação para além da educação formal e valorização dos espaços informais de educação;
- Ação-reflexão-ação (ou prática-teoria-prática) e ver-julgar-agir como princípios para aproximar-se e intervir na realidade na qual trabalham;
- Participação;
- Aproximação com a mobilização popular;

Tais princípios desdobram-se em instrumentais metodológicos diversos, de acordo com o grupo com o qual se esteja trabalhando, com a área de atuação, com preferências teóricas, com demandas dos usuários, com as finalidades de cada atividade etc. Os instrumentais citados foram:

- Oficinas, rodas de conversas e debates, geralmente substituindo palestras;
- Construções de *fanzines*;
- Produções de cartazes;
- Oficinas de *stencil*;
- Utilização de músicas para reflexão sobre a realidade do grupo;
- Ornamentações dos espaços, destacando símbolos que representam a realidade ou as lutas do grupo com o qual se trabalha, valorizando a *mística*<sup>9</sup>;
- Teatro do oprimido<sup>10</sup>.

Concluimos que, em geral, prezam por instrumentais metodológicos mais didáticos e dialógicos, que facilitam a participação mútua e a reflexão. Que facilite o falar com alguém e não apenas falar a alguém (PELOSO, 2009) e que este diálogo seja provocativo.

### 3.2.3 As contribuições da Educação Popular para o exercício profissional de assistentes sociais

O que percebemos é que a Educação Popular ocasiona uma mudança na forma de relacionar-se com os usuários dos serviços. Há uma mudança no trato com estes, alterando também a direção da atuação e a forma como as atividades acontecem, assim como seus resultados, por meio dos princípios com os quais os assistentes sociais passam a trabalhar.

Por exemplo, um dos assistentes sociais nos narra um fato que muito lhe marcou e que foi ponto decisivo para retornar às reflexões, “da época do Movimento Estudantil”, sobre a necessidade de se adotar a Educação Popular em seu cotidiano profissional:

9 A *mística* está presente na utilização de símbolos, de encenações, de músicas, de celebrações, de marcas da realidade do Movimento Social ou do grupo. Trata-se da representação das dores, das conquistas... Enfim, de elementos que motivem o envolvimento naquela causa e a luta por ela.

10 Trata-se de uma metodologia do teatrólogo Augusto Boal.

– Eu estava desempenhando minhas atividades em uma determinada instituição e me foi dada a tarefa de realizar uma palestra pra mulheres da Comunidade do Fio, em Mossoró, né? E era uma palestra sobre o BPC (sobre o Benefício de Prestação Continuada). Então, logo que a tarefa chegou pra mim, eu pensei: “ah, tá tranquilo, coisa fácil, é só uma palestra, né?” Enfim... Eu vinha também de uma trajetória... Estava no Mestrado nesse período, com todos os vícios de linguagem, de expressão que a Universidade é... Nos faz ter, que a Universidade nos gera (na falta de uma expressão melhor). Então eu sai pra dar essa palestra, né? E eu cheguei lá, preparei meus slides, olha só... rrsr. [...] É... E aí, logo que eu comecei, eu olhava pra as pessoas e eu via que elas não tavam conseguindo entender aquilo que eu tava falando. Eu olhava pra elas e eu via que não tava fazendo sentido aquele espaço, nem pra elas, nem pra mim. [...] Se as pessoas não tão conseguindo entender, não tão conseguindo se apropriar daquilo que eu tô querendo transmitir, nada faz sentido. Então finalizei a palestra nesse modelo tradicional e voltei pra minha sala e fiquei pensando o que é que eu poderia fazer, como é que eu poderia atuar. [...] E aí foi justamente nesse momento que eu lembrei da Educação Popular, né? (JOSÉ MARIA DO TOMÉ).

Pensar na Educação Popular como uma alternativa “ao modelo tradicional” é possível pelos princípios que esta prioriza. O diálogo, a horizontalidade do saber e das relações, o “falar com” e não depositar um saber de cima para baixo, a dimensão da valorização do outro (incluindo a valorização das suas experiências, dos seus saberes e da sua posição como protagonista), se dão como alternativa ao que, historicamente, estamos habituadas no modelo tradicional de ensino. Os elementos da Educação Popular podem contribuir de duas formas:

1. O movimento de partir da realidade na qual se encontra, estabelecendo um diálogo problematizador, com finalidade de o grupo refletir sobre e, por estar em um grupo, identificar em outros membros situações e demandas semelhantes; o que pode gerar uma busca pelas soluções de suas problemáticas, pelas respostas às suas demandas e a seus interesses. Sendo, assim, um instrumento que pode facilitar o trabalho de mobilização e organização.
2. Tornar os espaços mais dialógicos (dialogados), participativos, interessantes, verdadeiramente direcionados às demandas dos usuários dos serviços.

### 3.2.4 Os desafios do trabalho com Educação Popular

- **Processos educativos não dão respostas imediatas:** um dos entrevistados problematizou a questão de “qualquer processo educativo ser lento” e, às vezes, “buscamos resultados imediatos”.
- **A questão das diferentes visões da equipe multiprofissional, a correlação de forças e os limites institucionais:** conforme os profissionais que citaram essas dificuldades, tratam-se de muitas forças, muitas visões, são questões do trabalho multiprofissional, do trabalho em equipe, dos limites institucionais, burocráticos ou de direções e instâncias superiores. É, que, conforme Nenem “a gente vai ser sempre acolhido ou não naquilo que a gente se propõe a fazer, seja pela equipe que a gente trabalha, seja pela gestão, seja pela própria comunidade. [...] Mas a gente tá aí caminhando” (NENEM). Outro profissional afirma já ter se deparado com impasses ou resistências, no interior da instituição de trabalho, para desenvolver determinada atividade, para abordar determinadas temáticas (com violência contra a mulher e extermínio da juventude negra).
- **A dificuldade em falar com linguagem acessível:** o profissional que cita esta dificuldade menciona dois motivos. O primeiro trata-se da trajetória acadêmica e, nela, o aprendizado e costume com a linguagem bastante técnica (apelidada de “academiquês”). O segundo trata-se do fato de que seu trabalho se dava com públicos bastante diferenciados, como crianças, jovens, mulheres, idosos, pessoas com deficiência.

Esse último desafio, trata-se de algo comum aos profissionais (não apenas assistentes sociais) que têm essa trajetória acadêmica. A vivência na Academia vai nos habituando à termos específicos, palavras comuns em determinada formação, etc. O exercício profissional do Serviço Social, geralmente, contempla a atuação com públicos diversos, o que demanda diferentes formas de comunicar-se e se fazer entender. E, na perspectiva da Educação Popular, mais do que ser entendido/dizer sua palavra, é importante aprender a dialogar e a “fazer com” as comunidades e população usuária das políticas sociais.

Acreditamos que esta é uma reflexão central quando se prioriza uma perspectiva de compromisso com as classes populares. E perpassa toda a

discussão que vem sendo feita nesse artigo, sobre instrumentais metodológicos e princípios de Educação Popular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que Educação Popular é um conceito complexo, que se apresenta hoje mais como conjunto de princípios e valores do que propriamente uma metodologia, sendo ressignificada pelos diferentes grupos que a utiliza. Por isso, está aberta à criatividade daqueles e daquelas que buscam utilizá-las no dia a dia profissional.

A Educação Popular pode contribuir com o exercício profissional de assistentes sociais, assim como de outros profissionais, nos âmbitos da mobilização e organização popular, dimensões indispensáveis para se conquistar direitos e, por conseguinte, políticas sociais. Também contribui com o trabalho de cunho socioeducativo, como educação em saúde e educação em direitos e de socialização das informações, pois fortalece o compromisso com os interesses e demandas da população usuária, com a utilização de linguagem e metodologias mais acessíveis, dialógicas e horizontais.

O arcabouço teórico-metodológico da Educação Popular oferece ao trabalho com as políticas sociais um grande potencial para ser instrumento de construção de relações de saberes mais horizontais entre profissionais e usuários, assim como de mudança nas relações de poder entre usuários das políticas sociais, profissionais e gestão.

Entretanto, trata-se de uma temática que ainda apresenta lacunas, tanto na produção do conhecimento, quanto no exercício profissional do Serviço Social e, por isso, demanda novas pesquisas e estudos sobre os possíveis diálogos entre Serviço Social e Educação Popular.

## AGRADECIMENTOS

À Juliana Medeiros, Larissa Ellem, Michela Calaça, Lorrainy Solano, João do Vale e Renan Castro, pela partilha de vida e pelos aprendizados diários sobre “fazer com” o povo. Ao Centro de Referência em Direitos Humanos do Semiárido (CRDH Semiárido) pelo exercício em Extensão Popular e pelo laço com os Movimentos Sociais da Via Campesina. Ao território da Atenção Primária à Saúde da Unidade Básica de Saúde do Bairro Abolição IV de Mossoró/RN, pela escola de vida e pela prática pedagógica da luta por

um Sistema Único de Saúde gratuito, gigante, de qualidade, humanizado e colorido!

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. Movimentos Sociais e Serviço Social no Brasil pós-anos 1990: desafios e perspectivas. In: ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia. (Orgs). **Movimentos Sociais e Serviço Social: uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 177 - 194.

FREIRE, Paulo. **Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ed. Rio de Janeiro: 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 50ed. 2011.

\_\_\_\_\_. NOGUEIRA, Adriano. **O que fazer: teoria e prática em educação popular**. 11ed. Petropolis: vozes, 2011.

GOHN, M. de G.. Educação popular e movimentos sociais. In: STRECK, D. R.; ESTEBAN,

M.T. (orgs). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013

MACHADO, A. M. B. Serviço e Educação Popular: diálogos possíveis a partir de uma perspectiva crítica. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 109, 2012.

MST, **Paulo Freire: um educador do povo**. Disponível em: < <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Um%20educador%20do%20povo.pdf>>.



PELOSO, Ranulfo. Sobre a metodologia popular: princípios do trabalho popular. In: MST. **Caderno de formação 38**: método de trabalho de base e organização popular. 2009.

SOARES, Camila Mesquita. “**Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas**”: Serviço Social e Educação Popular. Mossoró/RN: UERN, 2017 [Monografia].

STRECK, Danilo R. *et al* (orgs). **Educação Popular e Docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Educação popular**: metamorfoses e veredas. São Paulo/SP: Cortez, 2010.

### Fontes documentais

BRASIL. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436\\_22\\_09\\_2017.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html)>

ENFF. Pensando com Paulo Freire. Documentário da Escola Nacional de Florestan Fernandes. Coletânea Realidade Brasileira. Disponível em:< [https://www.youtube.com/channel/UCI\\_8ls8yZ\\_jAQac0b55OF5w](https://www.youtube.com/channel/UCI_8ls8yZ_jAQac0b55OF5w)>

MST, *Caderno de Educação n. 8*. Princípios da educação do MST. 3ªed. São Paulo: MST, janeiro, 1999 (produção independente). Disponível em: <[http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/CE%20\(8\).pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/CE%20(8).pdf)>. Acesso em: 24.05.201

## APÊNDICE

### Lutadoras(es) do povo

**Elizabeth Teixeira:** Dirigente camponesa, viúva do “Cabra marcado para morrer”. Paraibana, hoje com 90 anos, lutadora das causas camponesas. Elizabeth é viúva de João Pedro Teixeira, líder sindical que passou a reunir camponeses para criar uma associação para a defesa de seus direitos. O aumento da força das ligas camponesas significava uma ameaça para o poder dos latifundiários. João Pedro Teixeira foi assassinado, assim como dois de seus filhos e uma de suas filhas não aguentou e suicidou-se. Com a morte de João Pedro Teixeira, Elizabeth assume a direção das ligas camponesas. Passou a ser perseguida e teve que mudar o Rio Grande do Norte e viver com outro nome, para não ter o mesmo destino do esposo e de seus filhos. Mas nunca desistiu de lutas pelos direitos dos companheiros camponeses e camponesas.

**Imagem 01** - Elizabeth Teixeira em conversa com camponeses do MST.



**Fonte:** <<http://adrianacrisanto.blogspot.com.br/2008/03/no-ltimo-sbado-8-comemorou-se-o-dia.html>>

**Nenem:** Militante e direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e estudante curso de Serviço Social da Terra – UECE.

**Laudelina de Campos Melo (1904 – 1991):** Militante pelos direitos das domésticas. Começou a trabalhar como doméstica aos sete anos de idade. Conforme o site “Acorda Cultura”:

Sua trajetória foi marcada pela luta contra o preconceito racial, subvalorização das mulheres e exploração da classe trabalhadora. Combateu a discriminação da sociedade em relação às empregadas domésticas, exigindo melhor remuneração e igualdade de direitos sociais. Sua atuação permitiu a regulamentação do emprego doméstico como fundadora do Sindicato das empregadas domésticas. (Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/laudelina>>).

**José Maria do Tomé – Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:** Líder comunitário e ambientalista brutalmente assassinado, com mais de 20 tiros após de denunciar ilegalidades na Chapada do Apodi. Conforme o MST, “um dos réus é João Teixeira Junior, proprietário da Frutacor e um dos mais importantes empresários do agronegócio”. O MST conta que:

José Maria Filho foi assassinado no dia 21 de abril de 2010, com mais de vinte tiros, queima roupa, próximo a sua residência, na comunidade de Tomé, zona rural de Limoeiro do Norte (CE). Destacou-se na luta contra a pulverização aérea de agrotóxicos, na Chapada do Apodi, Ceará. Essa atividade, promovida por grandes empresas do agronegócio, causa a contaminação da água, plantações e solo das comunidades da região. Além disso, provoca diversas doenças nos trabalhadores das empresas e moradores. Essas denúncias encontraram repercussões em ações judiciais, procedimentos do Ministério Público (Estadual, Federal e Trabalhista) e em inúmeras pesquisas acadêmicas. (Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/08/25/cinco-anos-apos-o-assassinado-de-ze-maria-do-tome-acusados-vaio-a-juri-popular.html>>).